



O Domingo

25/1/98



UM CERCO AOS MANANCIAIS

O PROBLEMA DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA
PODERÁ SE AGRAVAR SE O CRESCIMENTO URBANO CONTINUAR
AMEAÇANDO A BILLINGS E GUARAPIRANGA

Um dos grandes riscos do crescimento desordenado da cidade tem sido a ocupação das áreas de mananciais. Grajaú, entre as represas Billings e Guarapiranga, um local que não deveria ter sinais de ocupação, já é o distrito mais populoso da capital, com 272.684 habitantes. Por conta da bagunça que tomou conta da expansão, há congestionamentos mesmo em áreas relativamente vazias, diz a professora Nadia Somekh, chefe do Departamento de Planejamento e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie: "São Paulo é mal-distribuída, não consegue administrar os investimentos."

Se o crescimento da cidade continuar ao deus-dará, o quadro que se desenha para o próximo milênio é desolador, segundo os urbanistas. A Serra da Cantareira, ao norte, e as áreas das represas Billings e Guarapiranga, ao sul, vão ser tomadas por loteamentos clandestinos e favelas. A poluição nos mananciais, decorrente da ocupação irregular, vai causar sérios problemas no abastecimento de água da cidade.

Os espaços verdes tendem a sumir, porque a população pobre, sem alternativas de habitação, vai invadi-los. Isso já vem ocorrendo na periferia, como é o caso do Parque Ecológico do Tietê e do Jardim Pantanal, lembra o arquiteto e urbanista Cândido Malta. A sequência disso é que até o Parque do Ibirapuera corre o risco de virar um favelão.

Quanto ao trânsito, Malta prevê um colapso em dois ou três anos. "A cidade vai parar, mesmo sem chuva." De acordo com o urbanista, ficar preso em congestionamento por duas ou três horas vai virar rotina. "Temos conseguido adiar essa situação em função das crises financeiras, porque as pessoas compram menos carros."

Outro ponto que ajuda no adiamento do caos absoluto é o fato de que o ritmo de crescimento populacional em São Paulo vem caindo. De 1970 a 1980, a taxa de crescimento anual foi de 3,67%. De 80 para 90, despencou para 1,15% e, de 91 para 96, caiu para 0,4% ao ano. A estimativa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), elaborada em 94, era de que São Paulo terá 11,57 milhões de habitantes em 2010, contra os atuais 9,83 milhões.

(P.O.)

Política | Economia | Geral | Internacional | Esportes | Variedades | Editoriais | Artigos

Fale com o Domingo - domingo@jt.com.br

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	JT
Data	25/1/98 Pg - 5
Class.	107



Domingo

25/1/98

ÁGUA E LUZ: PROBLEMAS À VISTA

**A rede de abastecimento básico da cidade
está operando no limite. Sem medidas urgentes,
há riscos de blecaute e torneiras vazias**

Leia mais:

- **Um cerco aos mananciais**

O abastecimento de água e luz acompanhou o crescimento da cidade - infelizmente, da mesma forma desordenada. Hoje, a exemplo da metrópole, a rede de abastecimento básico é gigantesca e está em uma situação limite.

"Se a cidade de São Paulo não gerenciar melhor a sua água, viveremos um impasse. Não haverá mais água de qualidade para todos", diz Aldo Rebouças, especialista em recursos hídricos do Instituto de Estudos Avançados da USP. A energia elétrica merece alerta parecido. "A região Sudeste está no limite de sua capacidade de fornecimento", diz o pesquisador Adnei Melges de Andrade, diretor da Área de Energia do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP. "Se não forem feitos os investimentos necessários, teremos problemas."

Apesar de falarem em investimentos, os especialistas concordam que o futuro não passa simplesmente por novas obras. "Até agora, a cidade nunca teve uma política pública de energia, água ou saneamento, mas simplesmente uma política de obras", destaca o geógrafo Mário Mantovani, superintendente da Fundação SOS Mata Atlântica, que tem participado da discussão sobre o gerenciamento de rios e bacias no estado.

Além do seu peso político e financeiro, as obras têm sido, segundo Rebouças, impulsionadas pela mentalidade do "engenheirismo". "Se precisamos de mais energia, construímos novas usinas. Se não temos mais água na região, trazemos de outra. Se poluímos a água, depois tratamos."

Rebouças acredita que esta prática começa a custar muito caro e a esbarrar nos limites da tecnologia. "Além do mais, os moradores das regiões vizinhas não vão mais aceitar que São Paulo tire água de sua região ou jogue o esgoto no rio que cruza sua cidade."

Hoje, a cidade consome, por mês, cerca de 2 milhões de megawatts/hora através das quase 3 milhões e 200 mil ligações instaladas em toda a capital. O montante de água também é assombroso. A capacidade máxima de produção na região metropolitana é de 60 mil litros/segundo, distribuída por uma rede que, hoje, cobre 98% da cidade e, até o fim do ano, deve chegar aos 100%.

Se, por hora, o abastecimento de água e energia parece controlado, o problema

recomeça quando se pensa no aumento de demanda nas próximas décadas. A Eletropaulo calcula um aumento de 5 a 6% ao ano. Ou seja, até 2012, o consumo dobraria. No caso da água, a previsão da Sabesp vai até o ano 2020, quando seria necessária uma vazão quase 18% maior que a atual.

"O tamanho da família média está diminuindo. O que significa que com o mesmo número de habitantes teremos mais famílias, mais domicílios e, portanto, mais lâmpadas, televisões e chuveiros", diz Eduardo José Bernini, presidente da Eletropaulo. A mudança do perfil econômico da cidade também vai demandar mais água e energia.

"São Paulo se transformou em uma cidade de serviços, com grandes shoppings, hotéis para convenções, conjuntos de escritórios etc", completa Bernini. A preocupação maior é saber como as novas demandas serão saciadas. Será que a cidade deve continuar no caminho seguido até aqui? Em relação à fonte de energia, a Eletropaulo já aponta uma novidade. Segundo Bernini, "na região sul-sudeste, as usinas termoeletricas serão a solução a médio prazo."

A termoeletrica (que move as turbinas com o vapor da queima de combustível) exige menos tempo e investimento para ficar pronta do que a hidroeletrica. As condições ficam ainda mais favoráveis com a inauguração do gasoduto Brasil-Bolívia, que trará gás natural para alimentar as novas usinas.

A Secretaria de Recursos Hídricos, por sua vez, tem planos de garantir a oferta com a água de novos mananciais do Alto Tietê, Juquitiba e da própria Billings, na capital. Esta alternativa, entretanto, não tranqüiliza os ambientalistas. "A solução para a cidade não é expandir a captação de água", alerta o biólogo João Paulo Capobianco, pesquisador do Instituto Sócioambiental, "mas sim a conservação da água que já temos". O engenheiro Wolney Alves, do IPT, também acredita que a escassez de água não é o principal problema. "Temos volume suficiente. Precisamos ganhar na operação do sistema."

A própria Sabesp reconhece que 20% da água tratada é desperdiçada com os vazamentos. "Estamos tentando reduzir para o padrão mundial de 14%", informa Orlando Cassettari, vice-presidente metropolitano de Produção da Sabesp. Com o novo padrão, seriam ganhos 3,6 mil litros de água por segundo.

Desde 1993 o governo estadual está desenvolvendo um amplo projeto de urbanização e recuperação dos mananciais - o Programa Guarapiranga. "Até o final deste ano, 100% do esgoto da área começará a ser coletado e tratado", promete Antônio de Pádua Perosa, secretário-adjunto de Recursos Hídricos, Saneamento e Obras. Hoje, apenas 40% do esgoto é coletado - sem nenhum tratamento - e o resto vai para a represa.

No total, serão investidos R\$ 330 milhões no projeto. O biólogo João Paulo Capobianco ressalta que, se parte dessa verba não for usada para prevenir a ocupação desordenada no resto do manancial, daqui a alguns anos a Guarapiranga voltará a sofrer o mesmo problema. "Temos de mudar a mentalidade e partir para a prevenção e planejamento."